

**UMA CASA  
DE BONECAS**



# UMA CASA DE BONECAS

Henrik Ibsen

*Traduzido por*  
Leonardo Pinto Silva



## **Personagens**

HELMER,  
bacharel em direito

NORA,  
sua esposa

DOUTOR RANK

SRA. LINDE

ADVOGADO KROGSTAD

OS TRÊS FILHOS DE HELMER

ANNE-MARIE,  
babá dos Helmers

HELENE,  
criada no mesmo local

UM MENSAGEIRO

*A ação corre na residência dos Helmers.*



## PRIMEIRO ATO

Uma sala de estar confortável e decorada com gosto, mas não opulenta. Uma porta, ao fundo, e, à direita, conduz à antecâmara; uma outra, ao fundo à esquerda, conduz ao gabinete de trabalho de Helmer. Entre ambas as portas, há um piano. No centro da parede, à esquerda, há uma porta e, mais além, uma janela. Junto à janela, há uma mesa redonda, com uma poltrona e um pequeno sofá. Na parede à direita, um pouco atrás, uma porta, e, na mesma parede, mais próximo ao fundo, uma lareira de porcelana, em volta da qual há duas poltronas e uma cadeira de balanço. Entre a lareira e a porta lateral, há uma mesinha. As paredes são decoradas com calcografias. Um aparador ornado com objetos de porcelana e pequenas obras de arte; uma pequena estante, com livros finamente encadernados. Tapetes sobre o assoalho; labaredas ardem na lareira. Dia de inverno.

Soa a sineta na antecâmara; pouco depois, ouve-se a porta sendo aberta. Nora surge satisfeita, cantarolando pela sala de estar; veste trajes de frio e traz uma pilha de pacotes, que deposita na mesa à direita. Deixa entreaberta a porta da antecâmara e pelo vão se avista, lá fora, um mensageiro portando um pinheiro de natal e um cesto, os quais entrega à criada, que se apressou a recebê-los.



- NORA** Trate de esconder bem a árvore de Natal, Helene. As crianças não devem vê-la até estar toda decorada hoje à noite. (*para o mensageiro; sacando o porta-moedas*) Quanto?
- MENSAGEIRO** Cinquenta centavos.
- NORA** Aqui tens uma coroa. Não, fique com o troco.  
(*O Mensageiro agradece e se vai. Nora fecha a porta com um sorriso satisfeito nos lábios, enquanto se despe dos trajes de rua.*)
- NORA** (*tira do bolso um saco, de onde fiska dois macarons e os come; em seguida, vai pé ante pé e escuta rente à porta do gabinete do marido*) Sim, ele está em casa. (*vai cantarolando até a mesa à direita*)
- HELMER** (*dentro do gabinete*) É a minha cotovia quem gorjeia aí fora?
- NORA** (*terminando de abrir alguns dos pacotes*) Sim, é ela.
- HELMER** É o meu esquilo serelepe quem não para de bulir nas coisas?
- NORA** Sim!
- HELMER** E quando chegou o esquilininho a casa?
- NORA** Neste instante. (*enfia o saco de macarons no bolso e, rapidamente, esfrega a boca com a mão*) Venha aqui, Torvald, ver o que comprei.
- HELMER** Não perturbe! (*pouco tempo depois, abre a porta e espia com a pena na mão*) Comprou, você disse? Tudo isto? Minha passarinha saiu para gastar mais uma vez?

- NORA** Sim, mas, Torvald, este ano podemos nos permitir um pouco mais. É o primeiro Natal que não precisamos poupar.
- HELMER** Ora, você muito bem sabe que não podemos nos dar a esses luxos.
- NORA** Um tantinho, é claro que podemos, Torvald. Não é? Uma migalha de nada. Você está prestes a receber um bom salário e ganhar muito, muito dinheiro.
- HELMER** Sim, a partir do ano que vem; mas lembre-se que faltam três meses ainda para o salário cair.
- NORA** Pfff, podemos muito bem tomar algum emprestado até então.
- HELMER** Nora! (*chega-se até ela e lhe puxa carinhosamente a orelha*) É a minha cabecinha-de-vento de sempre. Imagine se eu tomasse emprestado mil coroas hoje para que gastasses na semana do Natal, e, na noite de Ano Novo, se me despencasse um tijolo na cabeça, e eu tombasse morto no chão...
- NORA** (*tapa-lhe a boca com a mão*) Isso lá são coisas de pensar?
- HELMER** Imagine que algo assim sucedesse, e daí?
- NORA** Se algo tão terrível sucedesse, tanto se me faria ter ou não ter dívida alguma.
- HELMER** Bem, mas e as gentes de quem eu tomaria emprestado o dinheiro?
- NORA** Elas? Quem se incomoda com elas? Não passam de estranhos.

- HELMER** Nora, Nora, és uma mulher e tanto! Não, mas agora a sério, Nora. Você sabe o que eu penso sobre este assunto. Nenhuma dívida! Empréstimos jamais! Uma casa cujos alicerces são dívidas e empréstimos jamais será bela nem tampouco livre. Nós dois logramos viver muito bem até aqui e assim seguiremos vivendo, com algum sacrifício, pelo pouco tempo que ainda será necessário.
- NORA** (*indo em direção à lareira*) Sim, sim, como queiras, Torvald.
- HELMER** (*vai atrás*) Muito bem, então. Agora, minha cotovia-zinha, não precisa murchar suas penas. Não é? Não há por que meu esquilininho se encafiar. (*exibindo o porta-moedas*) Nora, que será que eu tenho aqui?
- NORA** (*vira-se bruscamente*) Dinheiro!
- HELMER** Olhe. (*entregando-lhe algumas cédulas*) Por Deus, sei muito bem que a casa pede um bocado mais de cuidados durante o Natal.
- NORA** (*contando*) Dez, vinte, trinta, quarenta. Oh, obrigada, obrigada, Torvald. Isto me ajudará bastante.
- HELMER** Sem dúvida.
- NORA** Sim, e como me ajudará. Mas venha aqui, quero mostrar-lhe tudo o que comprei. Verdadeiras pechinchas! Veja aqui roupas novas para Ivar e um sabre. Aqui um cavalo e um trompete para Bob. Aqui uma boneca e sua caminha para Emmy; muito singelas, pois ela não tardará a destroçar tudo assim mesmo. E aqui uns vestidinhos e lenços para as criadas. A velha Anne-Marie bem está fazendo por merecer.
- HELMER** E o que seria naquele pacote ali?

- NORA** *(gritando)* Não, Torvald, este não poderás ver até cair a noite!
- HELMER** Muito bem. Pois diga-me, então, minha pequena esbanjadora, o que pensou em comprar para si?
- NORA** Oh, pfff. Para mim? Não sou de me importar com coisas.
- HELMER** Claro que se importa. Diga-me algo razoável que deseje.
- NORA** Não tenho a mais mínima ideia. Escute, Torvald...
- HELMER** O quê?
- NORA** *(dedilha-lhe os botões do casaco sem encará-lo)* Se quiseses mesmo me dar algo, então podias... você podia...
- HELMER** Diga, mulher, desembuche.
- NORA** *(deixando escapar)* Poderias dar-me dinheiro, Torvald. Somente a quantia que esteja ao teu alcance. E, então, um dia desses, poderei comprar algo.
- HELMER** Não, mas, Nora...
- NORA** Por favor, amado Torvald. Eu te peço tanto. Eu decoraria a árvore de Natal com esses dinheiros embalados em papel dourado. Não seria divertido?
- HELMER** Como se diz de quem sempre gasta mais do que possui?
- NORA** Esbanjadora, sim. Sei muito bem. Mas façamos como eu digo, Torvald. E assim terei tempo para refletir sobre o que mais me será útil. Não lhe parece sensato? Hein?

- HELMER** *(sorridente)* Sem dúvida, sensato é. Quero dizer, se de fato guardasse os dinheiros que lhe dou e comprasse algo para si com eles. Mas, como gasta tudo com a casa e com tantas coisas inúteis, tenho que pôr a mão no bolso novamente.
- NORA** Oh, mas Torvald...
- HELMER** Não se pode negar, minha Norazinha. *(abraça-a pela cintura)* Cotovias são pássaros lindos. Podem até aprender a cantar, mas a gastar dinheiro jamais aprenderão. É tremendamente custoso mantê-las.
- NORA** Oh, pfff, mas como pode dizer tal coisa? Eu poupo em quase tudo que posso.
- HELMER** *(rindo)* Isso lá é verdade. Em quase tudo que *podes*. Mas não *podes* nada.
- NORA** *(cantarolando e sorrindo satisfeita)* Hmm, ah, Torvald, se tu apenas soubesses os dispêndios que temos nós, cotovias e esquilos.
- HELMER** És uma criaturinha e tanto. Bem saiu ao teu pai. Sempre procurando um jeito de tirar dinheiro dos meus bolsos. Mas, assim que o tem nas mãos, ele lhe escorre por entre os dedos. Nunca sabes que destino lho deu. Agora, é preciso encarar-te como és. Está no sangue. Sim, sim, sim, essas coisas são herdadas, Nora.
- NORA** Ah, eu bem gostaria de ter herdado várias das qualidades de papai.

**HELMER** E eu não desejaria que fosses outra que não esta pessoa que és, do jeito que és, minha doce coto-viazinha. Mas escute. Ocorreu-me uma coisa. Para mim, tu pareces tão... tão... como direi? ... tão irrequieta hoje...

**NORA** Eu?

**HELMER** Absolutamente. Olhe-me bem nos olhos.

**NORA** (*olhando para ele*) O quê?

**HELMER** (*apontando-lhe o dedo*) A senhora formiguinha acaso não saiu a passear na cidade hoje?

**NORA** Não. Por que agora a pergunta?

**HELMER** É certo que a formiguinha não quis dar uma rápida passada na confeitaria?

**NORA** Posso lhe asseverar que não, Torvald...

**HELMER** Nem para um bocadinho de doce?

**NORA** Não, de forma alguma.

**HELMER** Nem para uma mordiscada num *macaron* ou dois?

**NORA** Não, Torvald, posso lhe afiançar com toda a certeza...

**HELMER** Muito bem, muito bem, muito bem. Naturalmente, estou apenas sendo jocoso...

**NORA** (*vai até a mesa à direita*) Não me ocorreria contrariá-lo.

**HELMER** Não, disso sei muito bem. E, afinal, já me deu a sua palavra... (*voltando-se a ela*) Agora, guarde seus segredinhos de Natal para si mesma, minha abençoada Nora. Eles serão revelados antes de o dia raiar, quando alumarmos a árvore de Natal, assim espero.

**NORA** Ocorreu-lhe convidar o doutor Rank?

**HELMER** Não. Mas não será necessário. É claro que ele virá cear conosco. Aliás, posso convidá-lo quando ele vier aqui pela manhã. Encomendei um bom vinho. Nora, não sabe como estou animado para esta noite.

**NORA** Eu também. E as crianças mal caberão em si de contentamento, Torvald!

**HELMER** Ah, só de pensar me enche o coração de alegrias. Ter um ordenado para prover tudo isto sem maiores preocupações. Não é verdade? Não lhe agrada pensar assim?

**NORA** Oh, é maravilhoso!

**HELMER** Lembra-se do Natal passado? Você trancou-se nos seus aposentos três semanas antes da data, e pôs-se a fazer enfeites para as árvores e outras maravilhas para nos surpreender. Oh, jamais vivi dias tão entediantes.

**NORA** Não senti tédio algum.

**HELMER** (*sorridente*) Pena que o resultado tenha sido tão sem graça, Nora.

**NORA** Oh, não me venha mais aborrecer com essa conversa. Que culpa tenho eu se o gato entrou a casa e rasgou os enfeites todos?

**HELMER** Claro que a minha pobrezinha não tem culpa. Nora, sua intenção era nos alegrar e isto é o que importa. O que importa é que os dias de penúria já passaram.

**NORA** Sim, isso é realmente maravilhoso.

**HELMER** Eu não careço mais de ficar aqui entediado. E, você, não carece mais de cansar seus abençoados olhos e arruinar suas delicadas mãozinhas...

- NORA** *(estalando as mãos)* Não é verdade, Torvald, nada mais disso é preciso. Oh, como é bom ouvir! *(segura-o pelo braço)* Agora, deixe-me lhe dizer o que havia pensado de fazermos, Torvald. Assim que passar o Natal... *(soa a sineta na antecâmara)* Oh, está tocando. *(arrumando a sala)* Está chegando alguém. Que maçada.
- HELMER** Para as visitas, eu não estou em casa. Lembre-se.
- CRIADA** *(no vão da porta)* Senhora, eis aqui uma estranha...
- NORA** Sim, faça-a entrar.
- CRIADA** *(para Helmer)* E também já chegou o doutor.
- HELMER** Foi direto ao meu gabinete?
- CRIADA** Sim, senhor.
- (Helmer vai ao gabinete. A criada anuncia a senhora Linde, em trajés de viagem, que adentra a sala, e fecha a porta em seguida.)*
- SRA. LINDE** *(em voz baixa e hesitante)* Bom dia, Nora.
- NORA** *(insegura)* Bom dia...
- SRA. LINDE** Não está me reconhecendo, pelo visto.
- NORA** Não. Não sei... Claro que sim, acho eu... *(interrompendo-se)* O quê! Kristine! É mesmo você?
- SRA. LINDE** Sim, sou eu.
- NORA** Kristine! Como não a reconheci! Mas como poderia...? *(mais baixo)* Como está mudada, Kristine!
- SRA. LINDE** Sim, é verdade. Passaram nove ou dez longos anos...

- NORA** Faz tanto tempo que não nos víamos? Sim, é verdade. Oh, os últimos oito anos foram de bonança, pode crer. E agora está de volta à cidade? Uma viagem tão longa em pleno inverno. Quanta coragem de sua parte.
- SRA. LINDE** Vim no vapor desta manhã.
- NORA** Para festejar o Natal, evidentemente. Oh, que delícia! Celebrar e festejar, é o que vamos. Mas dê-me cá seu casaco. Não está com frio, não é? (*ajudando-a*) Venha, vamos ficar mais à vontade junto à lareira. Não, sente-se ali na poltrona! Quero sentar-me na cadeira de balanço (*segurando-a pelas mãos*) Muito bem, agora consigo enxergar aquele antigo rosto. Foi só no primeiro instante... Está um pouco mais pálida, Kristine... E talvez um pouco mais magra.
- SRA. LINDE** E muito, muito mais envelhecida, Nora.
- NORA** Sim, talvez um pouco mais velha. Um pouco, apenas. Nada demasiado. (*detém-se de repente, séria*) Oh, mas que pessoa mais insensata, que se abanca aqui e desata a falar! Querida e abençoada Kristina, perdoe-me.
- SRA. LINDE** O que quer dizer, Nora?
- NORA** (*à meia-voz*) Pobre Kristina, você enviuvou.
- SRA. LINDE** Sim, faz três anos.
- NORA** Oh, eu soube. Li nos jornais. Oh, Kristine, creia-me, pensei muito em lhe escrever naquele tempo, mas sempre adiava e resulta que acabei nunca escrevendo.
- SRA. LINDE** Querida Nora, compreendo muito bem.

**NORA** Que rude da minha parte, Kristine. Oh, pobre coitada, quanta privação não deve ter suportado. E ele não lhe deixou algo que lhe sirva de arrimo?

**SRA. LINDE** Não.

**NORA** Nem filhos?

**SRA. LINDE** Não.

**NORA** Quer dizer, nada mesmo?

**SRA. LINDE** Nem mesmo mágoa ou memória que valha uma lágrima.

**NORA** *(fita-a incrédula)* Mas, Kristine, como é possível?

**SRA. LINDE** *(sorrindo desencantada e correndo a mão pelos cabelos)* Oh, é como sói acontecer, Nora.

**NORA** Tão solitária. Os dias devem lhe ser insuportavelmente pesados. Eu tenho três lindos filhos. Não pode vê-los agora porque saíram com a babá. Mas, então, conte-me tudo...

**SRA. LINDE** Não, não, não, conte-me você em vez.

**NORA** Não, comece você. Hoje não quero ser egoísta. Hoje quero pensar apenas nas suas coisas. Porém, *uma* coisa preciso lhe dizer. Soube que tiramos a sorte grande nesses dias?

**SRA. LINDE** Não. Do que se trata?

**NORA** Imagine, meu marido tornou-se diretor do Banco de Ações.

**SRA. LINDE** Seu marido? Oh, mas que esplêndido...!

**NORA** Sim, tremenda! Ser bacharel em direito é um jeito muito inseguro de ganhar a vida, especialmente quando se quer distância de causas que não sejam as mais bem reputadas. Naturalmente, Torvald jamais se prestaria a menos. E nisso concordo plenamente com ele. Oh, acredite, estamos muito felizes! Ele ingressará no banco já no começo do ano, e então ganhará um bom salário e comissões. Daí viveremos uma vida bem diferente... quem sabe a vida que sempre quisemos. Oh, Kristine, como me sinto aliviada e feliz! Sim, pois é uma dádiva poder contar com uma grande soma de dinheiro e não ter preocupações. Não é verdade?

**SRA. LINDE** Sim, embora já seja uma dádiva ter o mínimo necessário.

**NORA** Não, não apenas o necessário, mas muito, muito dinheiro!

**SRA. LINDE** (*sorrindo*) Nora, Nora, ainda não está satisfeita? Na escola, sempre se punha a esbanjar.

**NORA** (*ri baixinho*) Sim, é o que Torvald sempre diz. (*com o dedo em riste*) Mas a Nora aqui não é tão louca quanto pensam vocês. Não chegamos aonde chegamos por obra da minha ganância. Precisamos trabalhar, os dois.

**SRA. LINDE** Você também?

**NORA** Sim, coisas pequenas, trabalhos manuais, crochês e bordados, essas coisas; (*desdenhando*) e com outras coisas também. Você sabe muito bem que Torvald saiu do departamento quando casamos, não sabe? Não havia perspectivas de promoção no escritório, então ele precisou dar duro, bem mais que antes. O primeiro ano foi extenuante, um verdadeiro horror. Teve de aceitar todo tipo de trabalho, você pode imaginar, começando cedo e esfalfando-se até tarde. Mas não suportou e adoeceu gravemente. Os médicos explicaram que seria imperativo viajarmos para o sul.

**SRA. LINDE** Não passaram um ano inteiro vivendo na Itália?

**NORA** Sim. Não foi fácil partir, pode ter certeza. Ivar tinha acabado de nascer. Mas precisávamos ir, naturalmente. Oh, foi uma viagem maravilhosa. Salvou a vida de Torvald. Mas custou-nos muito dinheiro, Kristine.

**SRA. LINDE** Posso imaginar.

**NORA** Mil e duzentas espécies foi o que custou. Quatro mil e oitocentas coroas. É dinheiro demais.

**SRA. LINDE** Nestes casos, pelo menos, sorte tem quem pode contar com tamanha soma.

**NORA** Devo dizê-la que este dinheiro papai quem nos deu.

**SRA. LINDE** Oh, sim. Foi justo quando ele faleceu, cá estou pensando.